

Indivíduos do sexo masculino no curso de letras: performances discursivas, gênero e profissão docente

Helvio Frank Oliveira^{I, II}

<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/287336091>

Resumo

São analisadas e problematizadas as performances discursivas de indivíduos do sexo masculino do curso de Letras relacionadas à licenciatura como opção de curso e à docência como futura profissão. Para isso, um estudo de caso interpretativista de orientação qualitativa foi conduzido com sete acadêmicos de uma universidade pública localizada no interior de Goiás. Compõem o material de análise os discursos produzidos a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes, as quais foram posteriormente discutidas sob o viés da linguística aplicada crítica. Os resultados indicam a existência de performances discursivas heteronormativas masculinizadas, hegemônicas, essencialistas e segregacionistas de gênero em relação ao homem que cursa Letras. Determinados estigmas são históricos, ideológicos, sociais, culturais e, portanto, urgentes de problematização, tendo em vista que a escolha do curso não pode ser balizada por uma matriz exclusiva de gênero.

Palavras-chave: professores de línguas; identidades de gênero; performances discursivas.

^I Universidade Estadual de Goiás (UEG), Itapuranga, Goiás, Brasil. *E-mail:* <helviofrank@hotmail.com>; <<http://orcid.org/0000-0002-0553-8075>>.

^{II} Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

Abstract

Male students majoring in a Languages Course: discourse performances, gender and teaching

We analyze and problematize discourse performances of male students majoring in Languages - Teacher Education as choice at the graduation course for professional teaching. Therefore, an interpretative and qualitative case study was conducted with seven undergraduate individuals of a public university of Goiás state. Discourses produced as from semi-structured interviews with the participants make up the material analyzed, which was subsequently discussed considering the Critical Applied Linguistics approach. Results indicate the existence of performances more heteronormative, male marked, hegemonic, essentialist and segregationist of gender discourse about men who major in Languages aiming to become teachers. Certain stigmas are historical, ideological, social, and cultural and, therefore need to be addressed at once, since the choice for a course should not be motivated only by a gender matrix.

Keywords: language teachers; gender identities; discourse performances.

Introdução

Na sociedade brasileira as questões envolvendo gênero, apesar de existirem e serem legitimadas a todo instante nas práticas sociais, nem sempre são tidas como assuntos de interesse e/ou de problematização no cotidiano. Diversas frentes de estudo localizadas em âmbitos interdisciplinares e relacionadas à docência têm apontado que as relações de gênero estão em todo espaço em que coexistem os respectivos profissionais. Nesse contexto, constituído de espaços relacionais, muitos estudos se dedicaram à problemática envolvendo gênero ao englobar temas voltados à questão da feminização (Alvarenga; Vianna, 2012; Carvalho, 1996; Catani *et al.*, 1997; Hypólito, 1997; entre outros), à existência de professores do sexo masculino na educação infantil (Ferreira, 2008; Ramos, 2011) e à masculinidade na docência (Ferraz, 2006; Hentges; Jaeger, 2012). No entanto, apesar de esses trabalhos permitirem interlocuções abundantes sobre algum enfoque do gênero, ainda são escassas pesquisas que levem diretamente à reflexão sobre o gênero masculino e o contexto de licenciatura, especialmente quando se pressupõe que os espaços sociais em que se constrói a possibilidade de se tornar professor são permeados da negociação de significados por meio da interação e do discurso muitas vezes localizados em torno do gênero.

Em cursos de Letras, por exemplo, é recorrente o discurso de que “Letras só tem mulher”, sempre reiterado nas práticas da academia na medida em que, a cada nova matrícula, se constata um número reduzido de indivíduos do sexo masculino. Essa ideia é reforçada em eventos

científicos de todo o País ao se observar a sólida presença feminina. Contudo, o fato intrigante é que, com a consolidação dessa prática, isto é, com a cultura produzida e sustentada, surgem os estereótipos sociais que influenciam e, de forma sutil, desautorizam a entrada de candidatos do sexo masculino no curso, especialmente em contextos cujos elementos culturais ainda reverberam circunstâncias locais e reproduzem comportamentos tradicionais de gêneros.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho, ainda que incipiente, consiste em analisar e problematizar as performances discursivas de alunos do sexo masculino do curso de Letras relacionadas à licenciatura como opção de curso e à docência como futura profissão – considerando, para tanto, as teorias educacionais sobre gênero relacionado à docência (Louro, 2004; Rocha, 2013), a visão performativa da linguagem (Austin, 1990), a ordem de indexicalidade (Blommaert, 2010; Rocha, 2013; Melo; Moita Lopes, 2014) e os preceitos da linguística aplicada indisciplinar e transgressiva (Moita Lopes, 2006a; Pennycook, 2006). Nas próximas seções, será problematizada a relação entre linguagem e práticas sociais da docência que, imbuídas às questões do gênero, constroem significados sociais, históricos e culturais passíveis de questionamentos acerca do papel do sexo na profissão e na licenciatura. Em seguida, será exposta a metodologia de pesquisa, para, finalmente, serem apresentados os resultados.

A construção social, histórica e cultural da docência: dimensões entre gênero e linguagem

No Brasil, a associação entre profissão docente e feminilidade tornou-se consistente com a consolidação do período denominado pelas ciências da educação de “feminização do magistério”, ocorrido a partir do século 19, quando sujeitos do sexo masculino foram “abandonando a sala de aula nos cursos primários, e as escolas normais [foram] formando mais e mais mulheres”. (Vianna, 2001, p. 85). Apesar de hoje a relação entre mulher e professorado se mostrar muito evidente, antes disso ocupavam o cargo da docência indivíduos do sexo masculino, os jesuítas, que eram tratados como “especialistas da infância” e sabiam transmitir conhecimentos de forma dosada (Louro, 2011a). Esse modelo de profissional religioso e masculino foi preservado até o final do século 17 e cedeu lugar para o sexo feminino na relação entre docência e arte do cuidar (Hypólito, 1997), especialmente nas primeiras séries de ensino (Souza, 2006). No entanto, de acordo com Louro (2011a, 2011b), as questões envolvendo docência e gênero se mostram como categorias bem dinâmicas. Embora haja bastantes mulheres, o universo escolar e profissional docente é marcadamente masculino, constituindo-se de disciplinas previstas sob a ótica desse gênero hegemônico. A seleção, a produção e a transmissão de conhecimentos também se instituem numa ordem masculinizada.

Como salientam Hentges e Jaeger (2012, p. 2), tanto homens quanto mulheres “são marcados/as pelas representações produzidas e produtoras

da generificação das profissões” e, dentro dessa condição, “acabam por escolher sua profissão”. Mais especificamente no contexto da docência, não são raras, como apontaram alguns estudos (Louro, 2003; Ramos, 2011), as concepções estigmatizadas acerca dos gêneros na profissão. Se, por um lado, há estranhamentos em relação a um profissional do sexo masculino lecionar para crianças, por não possuir atributos referentes à maternagem (Ramos, 2011), por outro, há uma forte presença masculina no ensino superior, justamente por corresponder ao nível em que mais se paga bem o professor (Oliveira, 2013). O resultado desse cenário é o aumento do número de mulheres ocupando cargos docentes nas séries iniciais, já que é nesse nível de ensino que geralmente se recebem os menores salários. Em virtude dessa baixa remuneração, consolida-se uma escassa procura masculina por vagas em licenciatura, especialmente em Letras e Pedagogia (Hypólito, 1997; Louro, 2003; Gois; Weber, 2012).

Diante disso, pode-se afirmar que as questões envolvendo o trabalho profissional docente, integradas a uma perspectiva cultural, no caso, o contexto brasileiro, endossam valores diferenciados ao tratamento e às relações protagonizadas por indivíduos do sexo masculino e feminino, e não raro criam estereótipos sobre o papel do sexo na profissão (Pereira, 2002). Para Carvalho (1996), há notória diferença entre as práticas realizadas por indivíduos do sexo masculino e os do sexo feminino em contextos de sala de aula. Acrescentando Louro (2011a, p. 99), “embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas”.

Todas as representações acerca da profissão docente são celebradas por um discurso classificatório que, conforme esclarece Teixeira (2002, p. 8), designa uma suposta identificação entre os papéis que cada sexo desempenhará, produzindo, assim, relações desiguais de poder e “estereótipos segregacionistas de gênero”. Do contrário, caso se deseje uma sociedade igualitária em torno do gênero, ao tratar das relações profissionais, mais especificamente da docência, é importante refletir sobre a aproximação mais justa entre os sexos, de modo a não repercutir no gênero a viabilidade para o estereótipo de se tornar ou não um professor, seja qual for o nível de ensino.

Conforme Louro (2003) e Butler (2008), o gênero não se trata de uma categoria definida e pré-alocucionada, uma vez que é construído por meio de atos sociais repetitivos e caracterizados pelo sujeito generificado. Desse modo, nas palavras de Ferraz (2006, p. 2), o gênero atuaria:

como instrumental teórico importante na análise das realidades sociais, desautomatizando leituras essencialistas e propondo pensar o como das desigualdades sociais se constitu[em] a partir das diferenças percebidas entre homens e mulheres.

De acordo com Vianna (2001), as representações sociais interferem no modo como indivíduos do sexo masculino e os do feminino se relacionam, influenciam nas profissões que escolhem e na maneira como atuam.

Além desses aspectos, não se pode desprezar o fato de que, segundo Woodward (2009, p. 18-19), “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para defender quem é incluído e quem é excluído”. Contudo, Foucault (1993) anuncia que o poder é dinâmico, construído ao mesmo tempo que se constroem as relações sociais.

Blommaert (2010), ao utilizar a expressão “ordens de indexicalidade”, destaca sua inspiração na “ordem do discurso”, referência utilizada por Foucault. Para aquele autor, elas consistem em padrões sistêmicos de autoridade, controle e avaliação e, assim, de exclusão e inclusão pelo outro, caracterizando uma política de acesso. Portanto, ao utilizar tal construto, concorda-se que a ordem de indexicalidade diz respeito a um conceito de sensibilização que aponta para aspectos relevantes de poder e desigualdade (Blommaert, 2010).

As relações propostas pelo gênero neste estudo levam à condição exercida pela linguagem no entorno e no entremeio das práticas socioculturais. Nesse caminho, a relevância da linguagem se concentra em sua característica performativa, ou seja, a linguagem consistiria numa ação (performance) ocorrida no momento da enunciação (Austin, 1990). De acordo com essa visão linguística pós-moderna, há a construção do indivíduo como tal e a da sua identidade de gênero por intermédio dos sentidos socialmente produzidos em torno da linguagem, do dizer/fazer. Como fenômenos produzidos e/ou resultantes das práticas sociais, o gênero e a linguagem tornam-se condicionados à cultura que lhe é de referência, tendo suas próprias definições e sentimentalismos balizados por essa dada cultura (Connell; Messerschmidt, 2013).

Contudo, se cada indivíduo interioriza as estruturas do universo social e as transforma em jeitos de ver o mundo, os quais orientam condutas, os papéis exercidos pelo gênero, disseminados via linguagem no meio social, tornam-se relevantes porque definem o modo como as pessoas experimentam o mundo. Primando por problematizar as performances discursivas em torno dessas e de outras verdades emolduradas como hegemônicas dentro do contexto da modernidade, ancora-se nos pressupostos da Teoria *Queer* (Louro, 2004; Rocha, 2013) com o propósito de desnaturalizar traços performativos que sedimentam a vida social e constroem determinados valores como dogmáticos e indiscutíveis (Butler, 1997; Moita Lopes, 2002). Não se pode mais admitir a condição de que as tradições culturais, em conexão com outros elementos da vida social, interfiram no modo de o sujeito se construir a partir do sexo que possui.

Metodologia

A pesquisa qualitativa vislumbrada neste estudo de caso interpretativista (Stake, 2000) tem por fundamento a compreensão de um sistema complexo de significados veiculados nos discursos produzidos por sete estudantes do sexo masculino pertencentes ao curso de Letras de uma universidade

pública localizada no interior do estado de Goiás, com base em questões estipuladas em entrevistas individuais semiestruturadas, denominadas narrativas socioconstrucionistas (Moita Lopes, 2006b). Para compreender as dicotomias que emergem sob a perspectiva de licenciandos do sexo masculino cursarem Letras, o estudo englobou, por espontaneidade, os sete alunos desse curso no ano de 2014, os quais utilizaram pseudônimos visando preservar a identidade perante a pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Para analisar os discursos dos referidos participantes, apurados sob uma perspectiva crítica, apropriou-se do conceito de ordem de indexicalidade proposto por Blommaert (2010) e já trabalhados por Rocha (2013) e por Melo e Moita Lopes (2014), a fim de investigar a conexão entre o discurso desses sujeitos de pesquisa, que pode ser microssocialmente localizado, e o discurso macrossocial, histórico e coletivamente localizado, no qual o primeiro se ancora e se orienta (Rocha, 2013). Como procedimento de análise de dados, utilizou-se o critério de recorrência temática dos discursos produzidos considerando as respostas e afirmações enunciadas pelos participantes em alinhamento ao objetivo e à fundamentação teórica delineada neste trabalho. Baseados em suas respostas, foram apresentados o perfil dos participantes (Quadro 1) e a análise dos dados.

Quadro 1 – Perfil dos Participantes do Estudo

Pseudônimo do participante	Idade	Ano de curso	Estado civil	Profissão (ocupação)	Orientação sexual afirmada
Adam	20	2	Solteiro	Estudante	Heterossexual
Charles	30	3	Solteiro	Professor	Bissexual
Henrique	22	4	Solteiro	Estudante	Homossexual
Jason	20	2	Solteiro	Estudante	Heterossexual
João	38	1	Divorciado	Autônomo	Heterossexual
John	19	2	Solteiro	Lavrador	Heterossexual
Pedro	19	1	Solteiro	Auxiliar de Produção	Heterossexual

Fonte: Elaboração própria.

Análise e discussão dos dados

Os dados alocados neste estudo estão representados com base nas narrativas (Moita Lopes, 2006b) de cada participante em relação às suas concepções e projeções sobre os temas gênero, formação inicial e docência. Nesse sentido, dentro do critério de *footing*,¹ parece útil listar duas condições imanentes nas quais os relatos dos integrantes do sexo masculino se desembocaram: o eu sob o olhar do(s) outro(s); o eu sob o próprio olhar.

¹ Para Goffman (2005), diz respeito à posição e projeção do indivíduo em relação a si mesmo (*self*), ao outro e ao discurso em construção.

O eu sob o olhar do(s) outro(s)

No contexto de investigação, alguns depoimentos dos participantes, em relação ao discurso alheio que constrói verdades dogmáticas, trazem que “o curso de Letras é destinado a mulheres”. Isso significa dizer que, na concepção de boa parcela dos participantes e da sociedade em geral, estar matriculado em um curso de Letras é aproximar-se de outras identidades de gênero que não as previstas dentro de uma hegemonia masculina. Acerca dessa prescrição social heteronormativa (im)posta, Adam conta que, em rodas informais de conversas, especialmente balizadas pelo universo marcadamente masculino, é comum ouvir, de colegas do mesmo sexo, piadinhas relativas a indivíduos que frequentam o curso de Letras. Para esses parceiros, na opinião de Adam, um homem frequentar uma licenciatura, em que a maioria de matriculados corresponde a mulheres, é, por tabela, ser identificado ou assumir uma subjetividade que mais se encaixe ao feminino, por ocasião da prática sexista.

Já ouvi muitas piadinhas. Dentro do ônibus [da faculdade] sempre falam essa questão do curso [de Letras] ser para gays. Tem um fato interessante que foi citado pelo meu treinador de futebol: ele estava conversando com uma pessoa de [a cidade onde foi desenvolvida a pesquisa], aí essa pessoa começou a falar “ah, aquele lateral que é gay”, aí o treinador falou: “como assim?”, então ele disse: “Ele não faz o curso de Letras?”, então o treinador falou: “não, não tem isso, não tem nenhum gay no meu time!”. (Adam).

Considerando a performance discursiva de Adam, pode-se notar que o fato de um indivíduo do sexo masculino cursar Letras parece deslegitimar as subjetividades do seu próprio corpo. Os significados sociais via linguagem que circula dentro e fora do meio universitário parecem conferir ao sexo o poder de escolha de um curso superior e, sobretudo, trazer a condição dos traços performativos de gênero, sexo e profissão para dentro de uma normalização naturalizada de discursos hegemônicos que caracterizam os indivíduos em sociedade.

No contexto enunciativo de Adam, participante de um time de futebol e das práticas sociais masculinizadas que rondam esse grupo, é possível prever que os discursos constituam índices orientados na prática discursiva dos indivíduos em questão. Do mundo heteronormativo masculino do futebol de que Adam participa, nesse caso visualizado como uma instituição centralizadora (Blommaert, 2010), emanam-se juízos de valor que ligam o curso de Letras ao contexto feminino, formando ordens indexicais mantidas por intermédio do discurso. Assim, considerando essa indexicalidade, o valor construído a partir do referencial “mulher e estudo de línguas” vincula-se ao contexto e é disseminado no discurso, tornando-se parte do processo de produzir sentidos dentro do sistema de comunicação e de uso da linguagem desse grupo heteronormativo masculino.

Ainda do ponto de vista linguístico, esse fato acontece em virtude de os usuários da língua reproduzirem normas sociais e as instituírem ou mesmo as situarem em relação a outras. Em razão disso, padrões convencionais de

indexicalidade passam a significar e, nesse caso, a alimentar tais ordens, por exemplo, em relação à dialética do contexto, uma vez que faz parte de uma realidade convencional o fato de muitas mulheres cursarem Letras. O problema está no jogo do enunciado linguístico em que se atribui uma identidade social aos indivíduos que frequentam esse curso sob uma prescrição ou previsão em torno dos papéis do sexo, das relações, da própria identidade do grupo e da posição desempenhada por esses indivíduos.

Jason relata o que já ouviu sobre as pessoas que frequentam o curso de Letras, apesar de não saber, com certeza, se isso seria brincadeira ou outra forma de interpelação por parte de colegas do sexo masculino:

Foram piadas, não sei se foram ditas de verdade, de coração, mas eu me recordo de pessoas que disseram que o curso era de mulheres, ou mesmo que os homens que tinham no curso eram homossexuais, ou esse tipo de comentário estigmatizado. (Jason).

Os depoimentos de Adam e Jason reportam para um fato bastante instigante: a idealização de um sujeito localizado em um espaço social e individual (Woodward, 2009). De acordo com a coletividade representada pelo olhar do(s) outro(s) na perspectiva dos referidos participantes, o indivíduo do sexo masculino que porventura faça Letras passa a sofrer preconceitos e estigmas infundados e condicionados às práticas que realiza em comunidade, às instâncias de que participa e ao local que se frequenta, como se o sexo fosse definidor de escolhas profissionais e universitárias ou mesmo determinante em se tratando das inúmeras identidades produzidas ao redor dos gêneros.

No senso comum, de acordo com o contexto em que os participantes estão inseridos, cursar Letras, conforme se sustenta discursivamente, é evocar uma condição originalmente feminina para participar de uma licenciatura e formar-se para a área de linguagens. Aqueles que por desejo encenam performances discursivas e corporais nessa matriz hegemônica de gênero, por tabela, acabam por negar a condição masculina e a contrariar a ordem heteronormativa constitutiva do universo machista. Do ponto de vista pedagógico, como professores formadores, no entanto, precisa-se problematizar a naturalização de práticas discursivas que tentam circunscrever as pessoas a seus lugares e incorporar a diferença dos sujeitos pelas matizes do gênero, de modo a construir desigualdades sociais cristalizadas na sociedade.

Dentro de uma regulação heteronormativa masculina, marcadamente histórica e que ainda hoje permanece presente em nossa sociedade, o fenômeno da masculinidade, como modo de normatização de condutas sociais, torna-se o principal vetor de cristalização de atos de fala performativos e de papéis profissionais delegados aos corpos masculinos desta pesquisa. Por intermédio do discurso do participante Charles, é possível inferir o preconceito existente sobre os graduandos do sexo masculino que fazem licenciatura, sobretudo, o curso de Letras – isso leva a entender que possivelmente a escolha pelo ensino de línguas e de literaturas, mais do que qualquer outra condição social, equivalha a currículos mais

“ajustados” ao sexo feminino. Todavia, o participante afirma que essa associação de sexo à disciplina lecionada não possui fundamento lógico.

Realmente existem [preconceitos]! É verdade. Agora, o motivo pelo qual eles existem, eu não sei se é pelo estudo de Língua Portuguesa, de Literatura que, quando falam, já ouve, já vê que é diretamente para o público feminino. O pessoal tem isso na cabeça, né, não tem nada escrito, não tem nada que fala que o curso de Letras deve ser destinado simplesmente para o público feminino. (Charles).

Infelizmente, os significados aprendidos e apreendidos na cultura de formação docente no contexto de investigação corroboram as afirmações de Vianna (2001, p. 90), quando diz que “o sexo da docência se articula com a reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas”. O ponto de discussão é que, pautado em valores patriarcais e heteronormativos, em alinhamento com os preceitos de uma masculinidade hegemônica, o imaginário social em termos de gênero, presente na licenciatura, oscila entre a legitimação e a segregação de alguns desses participantes.

Ecoando Rocha (2013), torna-se relevante questionar a posição de um sujeito que, devido ao fato de pertencer a determinado sexo, precisa se assumir socialmente e se portar, de forma exclusiva e essencialista, como homem ou mulher. A questão fulcral encontra-se justamente na opressão sofrida por um determinado sexo e na pressão que a cultura projeta sobre esse corpo na hora de escolher certas profissões. Como visto, são regras social e linguisticamente estabelecidas, balizadas por ideologias, segregações, opressões etc. que [d]enunciam gêneros e, por essa razão, precisam ser discutidas e negociadas socialmente.

Denota-se o valor de toda a cena narrada pelo poder de organização dos discursos no mundo social. É por intermédio da linguagem no entremeio da vida social que significados, subjetividades e identidades individuais e coletivas se forjam. Dentro da(s) cultura(s) em que os participantes deste estudo se inserem, há uma normalização hegemônica prevista na linguagem que regula, reforça e reitera as práticas sociais por eles desenvolvidas. Sem reflexão apurada sobre o funcionamento social da linguagem, especialmente em relação ao gênero, a condição machista e patriarcal pode ser sempre mantida a partir dos usos que indivíduos fazem da língua em atos de interação repetitivos, mecanizados e sem problematização. Por isso, faz-se necessário o exame crítico sobre as práticas de linguagem produzidas e realizadas em sociedade, as quais, para além de serem confirmadas nas esferas de atuação e participação humana, do ponto de vista linguístico, regulam talvez opressora e inconscientemente a maneira como indivíduos conduzem a própria vida.

Contudo, esse cenário se configura bastante complexo, uma vez que compreender os atos de fala relacionados ao gênero no contexto de formação docente equivale a considerar as preocupações sociais e culturais que influenciam na história do curso, bem como a interação humana justificada na prática social, discursiva, histórica, ideológica, cultural etc. dos sujeitos, em alinhamento à situacionalidade na qual os acadêmicos

do curso se inserem – por exemplo, o número de formandos em Letras do sexo masculino no contexto de investigação, nos últimos sete anos, é relativamente menor ao de mulheres, o que de certo modo reforça a cultura e, com ela, os estereótipos sociais.

Quadro 2 – Indivíduos que se Formaram no Curso de Letras da Universidade Investigada nos Últimos Anos

Ano	Quantidade de indivíduos	
	Sexo masculino	Sexo feminino
2007	1	23
2008	5	26
2009	2	25
2010	2	30
2011	5	29
2012	4	23
2013	1	22

Fonte: Secretaria Acadêmica da Universidade.

Dentro do princípio de interabilidade, o problema resultante das práticas discursivas, muitas vezes estereotipadas e essencialistas, resvala-se no preconceito e na discriminação social em torno do gênero. Pedro, por exemplo, revela que não encontra dificuldades em lidar com o sexo feminino. No entanto, considera que há certo preconceito que começa no momento em que as pessoas – família, comunidade e outros grupos com os quais se relaciona socialmente – sabem que um homem cursa Letras. Argumenta ainda que, no curso em questão, concepções sociais estigmatizadas em relação ao sexo e à licenciatura acabam por influenciar muitos candidatos do sexo masculino na hora de prestar vestibular:

Eu acho que eu não tenho dificuldade em lidar com isso, mas eu acho que o maior problema para os homens que fazem o curso de Letras é lidar com o preconceito em relação à opção sexual. Porque criaram um certo parâmetro de que homens que fazem o curso de Letras não são homens, são gays. Nada a ver! Realmente existem poucos homens, eu falo assim em nível de nossa faculdade, porque é onde eu convivo, é onde eu vejo o que acontece, mas eu acho que isso ocorre por questão desse preconceito mesmo. (Pedro).

As possibilidades de “ser professor, ser profissional de Letras” são criadas em torno de uma masculinidade que acusa a preocupação com o que o imaginário social demarca em termos de sexo para o indivíduo que cursa a referida licenciatura. Ao mesmo tempo, esses posicionamentos discursivos, baseados em ideologias patriarcais, enumeram significados pejorativos e até preconceituosos para alguns, com um prejuízo específico a mais percebido pelo participante no contexto de investigação: o sonho de se tornar licenciado em Letras, que pode ser abafado pelos ruídos das ordens de indexicalidade impostas macrossocialmente.

Diante disso, com base em Melo e Moita Lopes (2014), é preciso que sejam problematizadas essas matrizes hegemônicas limitadoras e que causam prejuízos àqueles que nelas tentam se encaixar devido à cobrança social. Aceitar como verdadeira apenas a intersecção entre os traços performativos – mulher, Letras e docência –, privilegiando-a como única possibilidade de agir, além de ser sedimentada pela heteronormatividade, é uma condição reducionista e borra outras inúmeras possibilidades de construção e de constituição de gênero para os sujeitos sociais, conforme sublinha Louro (2004).

Adam e Pedro compreendem que esse preconceito precisa ser questionado nas esferas sociais, uma vez que um curso não pode ser definido pelo sexo daqueles que o frequentam, mas, exclusivamente, pela aptidão e interesse de qualquer pessoa em fazê-lo.

Não, eu não concordo [que o curso de Letras seja destinado a mulheres]. Para mim, isso é um preconceito. Os cursos são mais ajustados para as aptidões, para os dons de cada pessoa, e não para o sexo. Então se a pessoa tem dom mesmo, então aí, sim, aquele curso é ajustado para ela, independente do sexo. (Adam).

[Cursar Letras] Não tem nada a ver com sexo, com orientação sexual, acho que é uma coisa que a sociedade impõe e nem sempre tem fundamento. (Pedro).

Alguns participantes da pesquisa têm consciência dos conflitos e das tensões, algumas veladas, produzidas na cultura de pertença ao curso de Letras, especialmente quando é colocada em xeque sua masculinidade em conjunto com as forças ideológicas surtidas das relações sociais de exercício do poder heteronormativo. Em muitos casos, o constrangimento dos participantes denota a condição hegemônica de uma masculinidade que transita na expectativa de gênero para a escolha de um curso.

Curiosamente, embora se trate de um número reduzido de participantes masculinos frequentadores da licenciatura em Letras, especialmente em comparação com as mulheres, é possível observar performances discursivas que representam condições masculinizadas no contexto em que alguns desses sujeitos estão inseridos. João e Charles, por exemplo, alegam que, em determinadas situações ocorridas em sala de aula na licenciatura, indivíduos do sexo masculino são geralmente esquecidos pelos professores, já que representam uma minoria presente naquele espaço. Para os participantes, o que os incomoda é o fato de os professores formadores, às vezes, desconsiderarem a presença masculina e tenderem a referir-se ao gênero feminino durante o tratamento ocorrido em sala de aula em que há pelo menos um aluno homem presente no momento das interações:

Eu acho que os professores já se habituaram a lidar mais com mulheres. Às vezes, principalmente as professoras, elas falam “meninas”, e esquecem que tem homem na sala. Então eu acho que é mais isso [que me incomoda], né? (João).

Geralmente em sala de aula, né, que o professor às vezes se esquece de você, se refere somente ao feminino. Os adjetivos que eles usam geralmente são femininos, talvez porque se esquecem. (Charles).

Na mesma proporção, Adam revelou que lidar com mulheres, principalmente em situações de sala de aula, não é uma tarefa fácil, já que elas têm opiniões diferentes das suas na hora de decidir algo ou compartilhar alguma coisa. A partir disso, pode-se inferir um posicionamento pautado na necessidade de poder demarcado ao sujeito do sexo masculino, na medida em que o participante deixa transparecer sua insatisfação com a possibilidade de apagamento de sua voz ou mesmo do controle social diante das decisões tomadas em grupo:

Eu acho difícil [haver poucos homens no curso], porque normalmente o sexo feminino não aceita muito as concepções do sexo masculino. Tem essa rivalidade. Sempre teve. Então, nessas horas dificulta um pouco quando nós vamos compartilhar ideias ou coisa assim. (Adam).

Pedro destacou seu incômodo referente ao constante fluxo de assuntos do universo feminino no cotidiano de sala de aula, já que a maioria das pessoas presentes nesse ambiente pertence ao sexo feminino.

O fato engraçado é que são tantas mulheres no curso. Às vezes fica, acho que fica duas partes de constrangimento, porque, na minha sala, noventa por cento ou mais dos estudantes são mulheres. Então parece que, às vezes, elas estão conversando assuntos ligados ao mundo feminino e, às vezes, elas esquecem que existem homens por perto e conversam. (Pedro).

Adam afirma o seguinte:

Bom, eu não classificaria como um constrangimento, mas o fato de eu ser bastante tímido. Às vezes eu fico meio acanhado nos eventos, principalmente como no *Englishow*, quando eu fiz a *snake* [encenação teatral em que ele fez o papel de uma cobra], e tive de dançar. Então isso dificulta muito. Isso acaba me deixando bastante vergonhoso, mas constranger não. (Adam).

Embora Adam esclareça que participar de eventos artístico-culturais promovidos pelo curso não lhe cause constrangimento, e sim timidez em apresentar publicamente peças de teatro e danças, infere-se que dançar e atuar (em teatro) – por se referirem a ações que ainda denotam tradicional e erroneamente ordens de indexicalidade voltadas à performance de um universo feminino – pode ser para o homem constrangedor, em virtude de seu deslocamento em relação às práticas sexistas já consagradas em sociedade e até mesmo institucionalmente firmadas: a área é conhecida como Letras, Linguística e Artes.

O eu sob o próprio olhar

Os participantes estão conscientes, até mesmo pela concretização das práticas em vigor, de que a presença maciça de mulheres no curso

de Letras investigado é uma realidade. A maneira como convivem com o fato real e lidam com os discursos infundados em relação ao gênero infere posicionamentos cujos aspectos são, grosso modo, positivos quanto ao próprio *self* e à opção pela licenciatura em Letras. Para João, é “normal” ouvir esses discursos constituídos e amplamente socializados. Contudo, como frequenta o curso de Letras com o intuito de aprender, ele não se importa com verborragias e estigmas relacionados à sua escolha em ser um futuro professor de línguas.

Para mim é normal, eu vou com o intuito de aprender e não me importo com isso [com o que os outros falam], não, eu gosto! É visível [que não tem muitos homens no curso], todas as turmas tem um ou dois, né? (João).

Em contrapartida, na opinião de Jason, assim como de outros participantes, apesar de não se sentir ofendido com o estigma evidente na comunidade acadêmica a que pertence, ele infere que, se existissem mais pessoas do sexo masculino, seria uma solução para que os estereótipos relacionados ao gênero e à profissão docente não ficassem tão marcados:

Eu acho normal [Letras ter poucos homens]. Não vejo nada demais, não. Até acho que seria legal se tivesse mais homens, né, para acabar com isso. Na nossa faculdade, se percebermos a quantidade de homens, nos cursos de Letras, são poucos, né, cinco ou seis no máximo. Então, são mais mulheres. (Jason).

Quanto à profissão, os participantes parecem decididos sobre suas concepções relacionadas à docência. As inferências discursivas de Pedro remetem a um aspecto que está condicionado às questões do gênero: os baixos salários recebidos pelo professor, fator já identificado em outros estudos (Hypólito, 1997; Louro, 2003). Apesar de se identificar com o curso e com a docência, Pedro relata que, quando responde à pergunta sobre sua futura profissão, é questionado sobre a baixa remuneração.

Eu me sinto muito bem, acho que eu não consigo me ver fazendo outra coisa, eu não consigo me ver em outra faculdade, porque escolha de profissão é uma escolha bem difícil. Foi difícil, para mim, escolher também. Mas, assim, eu pensei no que eu gostava de fazer e no que mais se identificava comigo. Quando você faz a escolha e você fala para as pessoas que você escolheu Letras, as pessoas falam: “Mas professor não ganha bem”. Mas de que adianta fazer o curso que vai ganhar bem, sendo que o curso é um que eu não gosto, não tenho afinidade? Profissão é uma coisa que a gente vai ter para o resto da vida, e se eu não gostar de trabalhar em uma coisa para o resto da vida? (Pedro).

Com base no relato de Pedro, nota-se que são dinâmicas as performances discursivas relacionadas à docência por parte dos indivíduos do sexo masculino da licenciatura em Letras, corroborando as características performativas e reflexivas da linguagem (Butler, 1997). Neste trabalho, elas perfizeram movimentos localizados no tempo e no espaço de ato de fala dos participantes que frequentam o curso, indicaram conflitos e, ao mesmo tempo, salientaram o desejo de se manterem na profissão para a qual estão se formando. Henrique, o único participante que se manifesta

como homossexual, descreve sua trajetória narrativa de empoderamento em relação a como se via, antes de iniciar o curso, e a como se vê, na condição de aluno de quarto ano de Letras. Para ele, é fato as mulheres serem em maior número no curso. Entretanto, após tornar-se fortalecido quanto a sua orientação sexual, afirma que convive naturalmente com a questão dos discursos relacionados aos gêneros na licenciatura e se diz realizado com sua futura profissão:

Hoje, por estar nesse meio, para mim é bastante normal, e até mesmo é um fato curioso, não sei a que se deve exatamente isso [o discurso estigmatizado em relação ao gênero], mas convivo hoje com isso de forma natural. É um fato concreto mesmo, há, sim, mulheres, e raríssimos homens, no caso, né? [...] Hoje eu me aceito bem em relação à posição em que eu ocupo dentro do curso de Letras, em específico na minha turma. Hoje eu convivo bem com isso [o fato de ser homossexual] e tenho uma identidade bem aceita diante das mulheres e dentro do curso de Letras. Hoje eu estou muito feliz na escolha do curso que eu fiz, e tenho a certeza de que estou no caminho certo, e quero continuar, sim, trabalhando com a Língua Portuguesa e Inglesa, quero fazer dessa [profissão] o meu sustento. (Henrique).

Pode-se observar que Henrique, aluno do último ano da licenciatura, parece empoderar-se para falar de sua orientação sexual e escolha profissional. Assim como outros sujeitos desta investigação contradiscursam o senso comum de que cursar Letras não define os modos de se constituir homem, mulher, gay, lésbica etc. – talvez por terem sido criticamente afetados pela leitura ao longo de toda sua jornada acadêmica, Henrique observa que a sociedade, em geral, ainda mantém arraigados e cristalizados conceitos não problematizados socialmente em torno dos papéis de gênero. Diferentemente do que ocorreu com alguns participantes deste estudo, Henrique se mostra tranquilo em relação às angústias e às tentativas de resistir aos discursos hegemônicos visualizados por meio das ordens de indexicalidades problematizadas neste trabalho.

Considerações finais

Nesta pesquisa, as performances discursivas produzidas por intermédio da intersecção docência e gênero indexalizaram estigmas sociais em torno do sexo masculino que frequenta o curso de Letras, enunciando matrizes hegemônicas e limitadoras em termos de identidade de gênero. Diante disso, faz-se necessário romper com essa ordem indexical – Letras/mulher – nas práticas socioculturais de formação inicial docente, para que as pessoas se tornem livres para escolher a profissão e o curso que desejarem para a própria vida.

Um dos caminhos pelos quais se enveredar diz respeito ao exame crítico sobre a linguagem no mundo social, com vistas à produção de significados de acordo com os usos contextualizados, a fim de serem questionadas e construídas novas práticas discursivas orientadas por ordens de indexicalidade que legitimem outras possibilidades de gêneros

para a profissão docente de ensino de línguas. Dessa forma, possibilita-se aumentar a procura de candidatas(as) pela licenciatura e, conseqüentemente, a adesão à profissão de professor(a).

Todo ser humano precisa se conscientizar da intenção e da não neutralidade que o discurso exerce nos contextos de produção e circulação à medida que nele se (re)produzem traços performativos – inconscientes ou não – acerca da categoria gênero para a docência. Conforme salientam Melo e Moita Lopes (2014, p. 661), as ordens de indexicalidade “sinalizam as hierarquizações de certos valores para determinados corpos em um espaço de tempo determinado”. Por isso, compreender o mundo social por intermédio do discurso pode ser a ferramenta de vida para agir política e socialmente em/sobre a linguagem.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, C. F.; VIANNA, C. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: desafios para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente. *Laboreal*, Porto, v. 8, n. 1, p. 11-27, 2012.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BUTLER, J. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, M. P. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 2, p. 77-84, 1996.

CATANI, D. B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P.; SOUZA, M. C. C. (Org.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 13-46.

CONNELL, R.; MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

FERREIRA, J. L. *Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural*. 2008. 153f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FERRAZ, R. C. Gênero, masculinidade e docência: visão de alunos de Pedagogia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida quotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOIS, A.; WEBER, D. Professor: ainda o pior salário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jun. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/professor-ainda-pior-salario-4954397>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

HENTGES, K. J.; JAEGER A. A. Relações de gênero, masculinidade e docência masculina. In: JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 16., 2012, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: Unifra, 2012.

HYPÓLITO, A. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papyrus, 1997.

LOURO, G. L. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P.; SOUZA, M. C. C. (Org.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 75-84.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2011a.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan./jul. 2011b.

MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

- MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006a.
- MOITA LOPES, L. P. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positioning in oral narratives. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (Orgs.). *Discourse and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.
- OLIVEIRA, H. F. *Esculpindo a profissão professor: experiências, emoções e cognições na construção das identidades docentes de licenciandos em Letras*. 2013. 302 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- PEREIRA, M. E. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EDU, 2002.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.
- RAMOS, J. *Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG*. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ROCHA, L. L. *Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização*. 2013. 255f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SOUZA, E. C. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.
- STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000. p. 435-454.
- TEIXEIRA, A. B. M. Identidades docentes e relações de gênero. *Escritos sobre educação*, Ibitiré, n. 1, p. 7-16, dez. 2002.
- VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 17-18, p. 81-103, 2001.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

Recebido em 26 de outubro de 2015.

Solicitação de correções em 7 de junho de 2016.

Aprovado em 29 de agosto de 2016.